

COMENTÁRIO SOBRE AS IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS NO PENSAMENTO ROGERIANO

Paulo B. Barros

PARTE I

Antes de definir sua concepção da natureza humana, Rogers desenvolve primeiramente uma “teoria do processo terapêutico”, moldada na experiência clínica. Sua teoria da personalidade não é senão uma explicação posterior das características da pessoa humana, a partir do que ela mostra no processo terapêutico. Portanto, toda a evolução da teoria está condicionada à evolução histórica do processo terapêutico. (1)

A concepção da pessoa humana dará origem, mais tarde, a sua teoria da personalidade. Rogers parte de uma espécie de intuição do cliente (como hipótese), que será submetida ao processo terapêutico (para verificação das hipóteses), e do qual deduz a sua concepção da pessoa humana, baseada nas descrições feitas de suas experiências terapêuticas (2).

Observe-se, portanto, que não é de todo falho chegar-se a uma conclusão de como elaborar a teoria da personalidade de Rogers, através do exame da evolução de sua teoria do processo terapêutico.

Uma breve noção sobre esse desenvolvimento pode ser de grande utilidade nesse sentido.

(1) Carl R. Rogers: de la Psicoterapia e la enseñanza. — Miguel de la Puente, pág. 115.

(2) Ibid., pág. 131.

Rogers dividiu a elaboração do processo terapêutico em três etapas históricas, relativamente distintas, a saber:

- a primeira, de 1 940 a 1 945 (Ohio);
- a segunda, de 1 946 (aproximadamente) a 1 957 (Chicago);
- a terceira, de 1 957 em diante (Wisconsin).

No período que precede 1 940, Rogers confessa ter seguido uma orientação terapêutica eclética (3), o que nos leva a pensar em uma não definição à adoção de um referencial fixo.

Em seu primeiro livro — “The Clinical Treatment of the problem child” — Rogers demonstra alguma preocupação em se encontrar em meio a uma enorme gama de processos terapêuticos. Esta obra demarca a pré-história da Terapia Centrada no Cliente.

A primeira exposição clara e completa da terapia-não-diretiva data de 1 940, em um artigo de quatro páginas intitulado — “The Processes of Therapy” — no qual Rogers descreve o processo terapêutico e expõe as condições fundamentais que o precedem.

Em 1 945, mostrando interesse em sistematizar seus conhecimentos e outorgar um caráter mais científico às suas pesquisas, Rogers faz uma descrição da terapia como método. Apresentou-a como hipóteses que devem ser submetidas a prova científica. (4) A essa altura porém, ainda não nos propõe uma teoria plenamente desenvolvida; isto ocorrerá somente na etapa seguinte.

Nos últimos anos da etapa da terapia (1 946 a 1 957), Rogers elabora uma construção mais teórica e sistematizada de sua terapia; sob este aspecto, sua obra mais importante é o artigo — “A Theory of Therapy” — escrito em 1 956 e publicado em 1 959.

Torna-se interessante e mesmo necessário para os nossos propósitos, dar evidência do procedimento utilizado na elaboração do embasamento teórico da terapia de Rogers: a lenta ascensão, a partir da primeira etapa, por meio de descrições da terapia e de suas conseqüentes hipóteses comprovadas pelos fatos, até a segunda etapa, na qual constrói um esboço do embasamento teórico da terapia. (5) Este esboço foi fundado nos resultados da investigação e da experiência clínica, reunindo as formulações teóricas contidas, explícita ou implicitamente, em todas as exposições acerca da terapia e das suas

(3) *Ibid.*, pág. 116.

(4) *Ibid.*, pág. 117.

(5) *Ibid.*, pág. 133.

conseqüências, para a personalidade. (6). Segundo o próprio autor, o processo contrário seria absurdo.

Rogers partiu, portanto, da observação empírica dos fatos, elaborou hipóteses e formulou, ele próprio, a sua "teoria da terapia", a partir da personalidade. Em outras palavras: a teoria da personalidade é um aspecto da concepção rogeriana da terapia.

Rogers condena o processo inverso, isto é, aplicar-se os procedimentos terapêuticos com base em uma teoria pré-formulada, acusando a grande probabilidade de problemas metodológicos que aí poderiam ter origem.

PARTE II

Proceder-se-á à identificação do método utilizado por Rogers em pesquisa por ele realizada, contido em sua obra: "Tornar-se Pessoa", capítulo IX, sob o título: "a Modificação da personalidade em Psicologia".

Identificação do método:

a) Quanto ao procedimento:

O procedimento utilizado no experimento foi o **indutivo**, sendo o método **teórico informal**: isto está de acordo com as hipóteses informais (micro-hipóteses) formuladas pelo autor.

As hipóteses foram verificadas utilizando-se 2 (dois) procedimentos: plano experimental e experimento em sucessão.

Em relação ao plano experimental, parte do grupo experimental constitui o grupo de controle interno, com o objetivo de eliminar variáveis interferentes (que no experimento específico, também são variáveis intervenientes: personalidade e motivação). Por outro lado, parte do grupo de controle constituiu o grupo de controle equivalente, com o objetivo de eliminar a influência da passagem do tempo e das repetidas sessões de mensuração.

Concomitantemente, trata-se de um experimento em sucessão (apesar de não participar o caso único e haver grupo de controle), visto que há 3 (três) situações distintas: antes da variável, introdução da variável e depois da variável. Os efeitos da passagem do tempo, primordiais neste procedimento,

foram controlados pela constituição de um grupo de controle equivalente como descrito antes, constatando-se assim, ser a variável a causa da modificação.

b) **Quanto à finalidade:**

O método é **heurístico**, na medida em que auxilia na solução de dúvidas levantadas (micro-hipóteses).

c) **Quanto ao objeto:**

O objeto pode-se dizer **empírico**, ainda que pesem as limitações dos instrumentos de medida utilizados que, neste enfoque, constituem, talvez, os únicos disponíveis. Algo será comentado, a este respeito, na conclusão deste trabalho.

d) **Quanto aos elementos:**

O método empregado foi o teórico informal, explanado em a, devido à proximidade de contextos.

CONCLUSÃO

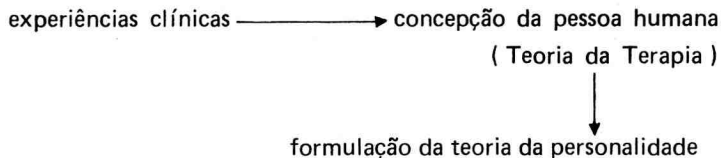
O desenvolvimento deste trabalho esteve cercado de dificuldades de ordem material, inexistindo uma bibliografia específica sobre o assunto aqui tratado.

Visto ser exigida dos autores imparcialidade na análise dos métodos e técnicas adotados por Rogers, a qual não está isenta de falhas, mesmo porque a sumaridade do contexto pode ter comprometido o seu conteúdo.

Para que fosse possível uma compreensão "à vol d'oiseau" do processo terapêutico e da concepção de Rogers sobre o Homem, havemos por bem situá-lo (e à evolução de sua teoria de personalidade) dentro de um contexto histórico. Isto possibilita uma visão geral da evolução do pensamento rogeriano desde os seus primórdios.

A formulação definitiva (na época) de sua teoria da terapia não-diretiva deu-se por volta de 1940, mas conferiu ele um cunho realmente científico às suas pesquisas somente cinco anos depois.

Em sendo viável um esquema linear sobre a formulação de sua teoria da personalidade, seria ele feito do seguinte modo (referindo-se ao contexto histórico):



Rogers tenta uma ampliação dos limites da investigação usando um critério de êxito específico para cada variável operacionalmente definida, o que lhe permitiu algum progresso científico na determinação dos tipos de alteração que acompanham ou não a terapia centrada no paciente.

Ele desenvolveu a sua pesquisa dentro dos moldes do método experimental, com uma metodologia que, a princípio, se mostra impecável.

O problema do uso de testes (que raramente mostram rigor científico) é uma questão de limitação da própria técnica — se bem que esta pareça ser a única forma “padronizada” de investigar a personalidade — ou seja, alheio ao experimentador.

Com este tipo de tratamento experimental, Rogers pôde chegar à conclusão de que as alterações que se verificaram durante a terapia se devem ao próprio tratamento.

Diante das muitas questões surgidas no desenrolar do trabalho, foram selecionadas algumas sugestões para constituírem objeto de futuras pesquisas:

Um levantamento das influências filosóficas e fontes de inspiração básicas das quais Rogers se valeu para a elaboração de sua teoria da personalidade.

Um assunto que também poderia despertar o interesse de pesquisadores é sobre o tipo de relação — se é que existe — entre o conceito de empatia em Rogers e o conceito de transferência na Psicanálise.

Outra questão bastante interessante se refere ao escasso material informativo a respeito do desenvolvimento do indivíduo desde o nascimento à infância, em termos descritivos.

BIBLIOGRAFIA

BACHRACH, A. J. — Introdução a Pesquisa Psicológica — São Paulo, Ed. Herder, Col. Ciência do Comportamento, 1972.

REUHLIN, Maurice — **Os métodos em Psicologia** — São Paulo, Difusão Européia do Livro, Col. Saber Atual, 1 971.

HALL, C. S. e LINDZEY, G. — **Teorias da Personalidade** — São Paulo, E. P. U. Col. Ciências do Comportamento, 1 973.

ROGERS, Carl R. — **Tornar-se Pessoa** — Lisboa, Moraes Editores, 1 973.'3.

ROGERS, Carl R. — **Terapia Centrada no Paciente** — Lisboa, Moraes Editores, 1 974.

DE LA PUENTE, Miguel — **Carl R. Rogers: de la Psicoterapia a la enseñanza** — Madrid, Editorial Razon y Fe S. A., 1 973.